

PERSPECTIVA DE ANÁLISE DO ACESSO À LEITURA PARA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES

PERSPECTIVE OF ANALYSIS OF ACCESS TO READING
BEYOND SCHOOL WALLS

*Josilene Maria Conceição¹
Telma Ferraz Leal²*

Resumo:

Essa pesquisa se configura como um estudo de caso do Livros Andantes, projeto realizado em duas comunidades rurais. Nesse sentido, são apresentadas reflexões sobre experiências de leitura de textos literários, com base em um estudo que investigou impactos desse projeto sobre duas comunidades rurais do Município de Amaraji - PE, quanto à formação de leitores. Utilizamos, nesse estudo, a metodologia qualitativa, com foco na observação de campo, entrevistas semiestruturadas e análise documental. Para tanto, consideramos as experiências de leitura de textos literários dos participantes do projeto, buscando investigar efeitos dessa experiência em duas das quatro comunidades onde o projeto foi desenvolvido. A partir das análises concluímos que o projeto desperta pertencimento à comunidade de leitores e desejo de “ler” o mundo, bem como a necessidade de políticas públicas de Estado específicas para essa população.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca; Formação de leitor; letramento.

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

This research is a case study of 'Livros Andantes' ('Wandering Books'), a project carried out in two rural communities. In this sense, reflections on experiences of reading literary texts are presented, based on a study that investigated the impacts of this project on two rural communities in the Municipality of Amaraji - PE, regarding the training of readers, a project aiming to promote reading in two rural communities. We used in this study the qualitative method, focusing on field observation, semi-structured interviews and documentary analysis. In order to do so, we considered the experiences of reading literary texts by the project participants, seeking to investigate the effects of this experience in two of the four communities where the project was developed. From the analysis, we concluded that the project awakens the sense of belonging to the community of readers and the desire to 'read' the world, as well as the need for specific state public policies for this specific population.

KEYWORDS: Library; Reader Training, Literacy.

INTRODUÇÃO

Neste artigo são apresentadas reflexões sobre experiências de leitura de textos literários no âmbito do projeto Livros Andantes, com base em um estudo que investigou impactos desse projeto sobre duas comunidades rurais do Município de Amaraji - PE, quanto à formação de leitores, considerando que as populações do campo sofrem, cotidianamente, tal como é exposto por Pinto (2015), a escassez de políticas culturais que proporcionem o desenvolvimento dessa camada da população. Este trabalho contribui também para a reflexão na área de formação de leitores em espaços não escolares, visto que a literatura sobre leitor, leitura e mediação de leitura que ultrapassam o trabalho pedagógico de letramento escolar ainda é restrito.

O Projeto Livros Andantes foi iniciado em 2009, tendo sido aprovado no Edital do Funcultura (Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura), do governo do Estado de Pernambuco, com foco na formação de leitores na área rural de Amaraji, cidade da Zona Mata Sul de Pernambuco, a 100 quilômetros de Recife. As análises dos impactos deste projeto sobre duas comunidades dessa cidade foram realizadas, sobretudo, a partir de uma perspectiva sociointeracionista de leitura e da abordagem bakhtiniana de linguagem e gêneros, focando, principalmente, os processos de empoderamento das comunidades a partir da participação ativa nas atividades do projeto.

Para melhor exposição das reflexões realizadas neste artigo serão apresentadas inicialmente informações sobre os fundamentos teóricos da pesquisa, com discussões sobre os conceitos fundantes da investigação: leitura, mediação de leitura, biblioteca e espaços de leitura. Logo após, a metodologia adotada é inserida, com detalhamento sobre perfis dos participantes, fundamentos e procedimentos metodológicos. Os itens seguintes, já de análise dos dados, incluem a descrição do Projeto Livro Andantes, o mapeamento das atividades

realizadas no âmbito do projeto, análise dos impactos. Por fim, nas considerações finais são socializadas as conclusões da investigação.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ESTUDO

Para melhor explicitar os pressupostos adotados nesta pesquisa, faremos, a seguir, algumas reflexões sobre conceitos fundantes do Projeto.

A LEITURA

Neste trabalho foi adotada uma concepção de leitura em uma perspectiva sociointeracionista, na qual a leitura é uma atividade orientada pelas finalidades a que se propõe. Implica na coordenação de variadas ações, que demandam o desenvolvimento de estratégias diversificadas nas quais conhecimentos variados são mobilizados.

Segundo Solé (1998), no ato de ler, o sujeito mobiliza conhecimentos de diferentes tipos que, integrados, constituem sentidos. Desse modo, os efeitos relativos à leitura de um texto ocorrem em função de processos complexos de interação entre autor(es) e leitor(es), seus conhecimentos prévios sobre os conteúdos textuais e práticas de linguagem em que textos do mesmo gênero circulam.

Nesta pesquisa também se parte de pressupostos advindos da abordagem bakhtiniana (Bakhtin, 1997), segundo a qual todo enunciado é parte de uma cadeia de enunciados, sendo resposta a enunciados anteriores e previsões do que virá adiante. Durante a leitura, portanto, o leitor, desde o início da situação de interação, reage ao texto, ativando conhecimentos prévios sobre o gênero do texto, o(s) autor(es) e os espaços onde o texto foi gerado e onde circula. Desse modo, é adotado o conceito de gênero como instrumento cultural.

Partindo da perspectiva sociointerativa, assume-se, também, a ideia de que os textos dos diferentes gêneros

constituem formas de poder e de participação social. A leitura, para Prado e Condini (1999), proporciona o poder de compreender o mundo e posicionar-se nele. Para esse autor, “a leitura dá poder porque é um meio para compreender o mundo e essa compreensão é uma condição de cidadania — além do que, lendo, podemos nos tornar, cada vez mais, também cidadãos da cultura escrita” (p.84).

Porém, para tornar-se leitor, é preciso ler. E ler se aprende lendo. A primeira leitura do sujeito se estabelece na relação entre o indivíduo e o seu mundo, na interação social, mediada primeiramente pela convivência com a família e pessoas que participam de atividades do âmbito privado. Segundo Freire (1989), esse primeiro contato com a leitura dá-se através da vivência com o mundo que nos rodeia: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1989).

Antes mesmo de se começar a frequentar a escola, antes de se aprender o sistema notacional, as pessoas aprendem a fazer a leitura do mundo onde vivem. Dessa forma, o ato de ler se inicia ainda na primeira infância, quando é percebido o pertencimento ao mundo e interação com o ambiente onde cada um está inserido.

Mesmo considerando que há diferentes leituras, nesta pesquisa, o foco recai sobre a leitura em *stricto senso*: a leitura da palavra escrita. Desse modo, é fundamental desenvolvermos um pouco mais a concepção de leitura adotada aqui, já anunciada no início deste tópico.

Sabe-se que existem diferentes perspectivas teóricas que explicam o processo da leitura, como a teoria da decodificação, a cognitiva, a interacional e a discursiva. Na teoria da decodificação, a leitura é entendida como uma mera atividade de identificação dos códigos linguísticos e de informações explícitas no texto. De acordo com Coracini (2002), essa concepção aponta o texto como fonte única do

sentido e, nessa direção, ler consiste em uma atividade em que o leitor faz decifração do código linguístico e relaciona a ele o significado. Dessa forma, o foco da leitura é o texto e não o leitor.

A abordagem cognitiva é contrária à vertente da decodificação, pois defende que o processo de leitura é uma tarefa cognitiva que tem como prioridade a ação mental do leitor. Tal concepção defende que:

O bom leitor seria aquele que, diante dos dados do texto, fosse capaz de acionar o que Rumelhart chama de esquemas, verdadeiros pacotes de conhecimentos estruturados, acompanhados de instruções para seu uso. (CORACINI, 2002, p.14).

Na concepção cognitiva, ler é uma atividade de compreensão, em que o leitor lança mão de seus esquemas mentais para apreender as ideias do texto. Assim, o leitor é um sujeito ativo nesse processo, porque antecipa conteúdo do texto, compara hipóteses, ativa a bagagem de conhecimento de mundo, faz inferências, chega a conclusões.

Outra teoria referente ao processo de leitura sinaliza que a construção do sentido do texto vai além dos conhecimentos linguísticos do leitor e, sendo assim, são necessários outros conhecimentos que possam interagir na busca da significação do texto. Trata-se da concepção interacionista, que “não centra exclusivamente no texto nem no leitor, embora atribua grande importância ao uso que este faz dos seus conhecimentos prévios para a compreensão do texto” (SOLÉ, 1998, p.24). Dessa forma, o processo de construção do significado do texto demanda tanto conhecimentos linguísticos, quanto outros conhecimentos do leitor. E, ainda, acontece a interação entre leitor e autor que se relacionam na busca dos sentidos do texto.

Ainda é possível verificar outra forma de conceber a leitura, a partir da perspectiva discursiva. Neste âmbito, a base está alicerçada em conceitos sociológicos e antropológicos, apontando que na busca pelos sentidos do texto são estabelecidos diálogos, encontros, confrontos. Nesse sentido, a leitura é:

Uma ação, um trabalho do leitor no texto. Que sem dúvida envolve a recuperação da lógica posta pelo seu autor, da história contada, do argumento alinhavado, da ideia defendida, mas que não para aí. O leitor lê mais do que isso. Lê também o modo pelo qual essas ideias se produziram e aí lê o texto na sua relação com o autor, com a história. (GUEDES, 2006, p. 74).

Em tal concepção, o leitor explora o discurso e o contexto em que a produção do texto foi realizada. É um leitor crítico que interroga o texto e explora os múltiplos sentidos dele.

Nesta pesquisa, estamos assumindo a concepção de que o processo de leitura não é natural. É necessário destacar que o indivíduo não constrói sentidos sozinho, há mediadores que participam dessa construção. Parte-se, portanto, de uma perspectiva sociointeracionista, tal como apontado anteriormente.

MEDIAÇÃO DE LEITURA

A leitura é uma atividade que serve tanto para deleitar, distrair, quanto para instruir, fazer refletir, auto interrogar-se. Mas, acima de tudo, é interação. Ao ler, o indivíduo interage com o autor do texto, mas, também, com as pessoas à sua volta. E, muitas vezes, há, na história pessoal, presença de pessoas que mediarão o contato com textos, como os pais, amigos, membros da igreja, professores.

Alguns programas de fomento à leitura realizam-se em espaços sociais diversos, como bibliotecas, igrejas, escolas, praças, entre outros. Em cada um desses espaços ocorrem

interações e existem diferentes mediadores de leitura, que assumem papéis importantes na formação das crianças, dos jovens e dos adultos.

O mediador de leitura é aquele que gosta de ler e seduz o outro a gostar também. Ele busca despertar no outro o prazer pelo livro. É aquele que lê, empresta livros, conversa sobre obras sugerindo que o outro leia, que discute sobre a leitura de um livro, de forma a facilitar a compreensão do que foi lido, atuando entre o leitor e o livro. Enfim, de diferentes modos, os mediadores compartilham experiências a ponto de inserir o outro no mundo da leitura.

Dentre as muitas estratégias que tornam uma pessoa um mediador de leitura, está a de ler em voz alta para um público, seja em uma aula na escola, em um sarau entre amigos, em atividades de rotina em espaços sociais de fomento a leitura, como em livrarias, igrejas, hospitais, bibliotecas, dentre outros: *“A mediação de leitura, entendida como ato de ler para o outro de forma a despertar seu gosto pela narrativa, é uma estratégia chave na formação de novos leitores”* (RUSSO, 2011, não paginado).

A escola é um dos espaços privilegiados de formação de leitores, embora muitas vezes ações dessa natureza não ocorram. Além da escola, a família também se constitui como grupo potencial de mediadores de leitura. Paulo Freire (1989), ao descrever a sua experiência de leitura, oferece o relato:

Ao ir escrevendo este texto, ia "tomando distância" dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a "leitura" do mundo, do pequeno mundo em que me movia. (FREIRE, 1989).

No contexto familiar, as leituras dos livros para os bebês e crianças por pais e familiares exercem papéis fundamentais no desenvolvimento. No entanto, assim como na escola, nem sempre há ações intencionais para formação de leitores no ambiente familiar. Nem todos os lares têm livros infantis, nem todos têm pessoas para realizar leitura ou contação de histórias. Por razões diversas, muitas crianças não têm acesso aos livros

ou têm acesso muito restrito aos livros antes de ingressarem na escola.

Outros mediadores de leitura que podem ser identificados são aqueles contadores de histórias que atuam como ativistas sociais, que disponibilizam seu tempo para dedicarem-se a ações de mediações de leitura em hospitais, nas ruas ou em comunidades, levando o acesso aos livros e estimulando o interesse pela leitura em eventos de letramentos fora dos muros escolares.

Para tais eventos de letramento, os agentes mediadores geralmente utilizam planejamentos que contemplam estratégias elaboradas e sistematizadas para atrair públicos que possam ouvir as histórias, os poemas. Predomina, nesses casos, leitura oralizada, manuseio do livro, a exploração do mesmo. Nessa perspectiva, Street faz seguinte afirmativa:

Nós trazemos para um evento de letramento conceitos, modelos sociais, relativos ao que é a natureza do evento e o que o faz funcionar e dar-lhe significado (Street, 2013, p.).

No caso dos eventos de leitura em voz alta ou contação de histórias inspirada em obras literárias, os mediadores adotam modelos sociais que historicamente se desenvolveram desde os tempos em que poucas pessoas dominavam os conhecimentos de decodificação e alguns assumiam a função de socializar os textos escritos. A atuação de agentes mediadores extrapola o espaço escolar e familiar, configurando-se como modo de interação em diferentes esferas sociais. Em cada um, sentidos específicos e modos de relacionar-se são produzidos, favorecendo a ampliação da inserção dos sujeitos em diferentes práticas de letramento sociais.

Sobre o termo letramentos sociais, Street pondera:

O argumento sobre letramentos sociais (STREET, 2013 apud, 2001,) sugere que engajar-se com o letramento é sempre um ato social, desde a sua gênese (STREET, 2013, p.54).

Nos eventos de letramentos sociais que ocorrem por meio dos mediadores de leitura que atuam como ativistas circulam, via de regra, livros de literatura. Para que se possa justificar a importância desses tipos de evento, identifiquemos o que vem a ser literatura. Segundo Lajolo (2001, p. 25),

É uma pergunta complicada justamente porque tem várias respostas. E não se trata de respostas que vão se aproximando cada vez mais de uma grande verdade da verdade-verdadeira. Cada tempo e, dentro de cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição

A leitura literária é alvo de questionamentos por não ser considerada necessária ou objetiva. Nesse sentido é importante afirmar que

A literatura é mais que diversão, entretenimento. Isso porque, pela lógica da produtividade moderna o tempo do entretenimento é um tempo de consumo ligeiro, um tempo em que hipoteticamente ficamos sem responsabilidades. Tempo de distração, evasão e gozo imediato. O texto e a leitura literária também se supõem irresponsáveis, mas não no sentido do esquecimento de si e dos problemas da vida para poder continuar vivendo-os naturalmente, mas no sentido de pensar para nada, pensar para ser, ler para ser, inventar para viver, ler para inventar, num movimento contínuo, sempre a estimular e a incomodar. (BRITO, 2012, p.)

O texto literário não é somente diversão ou entretenimento, pois ele pode ajudar no desenvolvimento pessoal do leitor, já que favorece a reflexão e os questionamentos. Assim, é preciso que nos debruçemos sobre tal tema, para que possamos refletir sobre as políticas públicas de formação de leitores, tais como as que criam espaços de leitura e, especificamente, as bibliotecas. Sobre tal tema discorreremos a seguir.

BIBLIOTECAS E ESPAÇOS DE LEITURA

Historicamente, a palavra biblioteca tem sua origem nos termos gregos *bibliōn* (livro) e *theka* (caixa), que significam o móvel ou lugar onde se guardam livros. No antigo Egito existiu, desde o século IV a.C., a mais célebre e grandiosa biblioteca da Antiguidade, a de Alexandria, que tinha como ambição reunir em um só lugar todo o conhecimento humano. Seu acervo era constituído de rolos de papiro manuscritos – aproximadamente 60 mil, contendo literatura grega, egípcia, assíria e babilônica (PIMENTEL, 2007, p. 22).

De acordo com o MEC (Ministério da Educação), considera-se como biblioteca toda unidade de informação que disponha de coleção organizada de livros, publicações periódicas, material gráfico ou audiovisual, assim como pessoal para promover e orientar o usuário quanto à utilização desse acervo, de maneira a atender às suas necessidades.

Desse modo, o conceito de biblioteca vem se transformando. Para Fonseca (1992, p.50), um novo conceito “é o de biblioteca menos como coleção de livros e outros documentos, devidamente classificados e catalogados, do que como assembleia de usuários da informação”. Em outras palavras, as bibliotecas passam a não serem vistas como simples depósitos de livros e documentos, mudando-se o foco para as pessoas e para o uso que elas fazem da informação, com atuação de forma mais dinâmica possível.

Na verdade, existem tipos diferentes de bibliotecas: escolares, públicas (estaduais ou municipais), comunitárias, acervos particulares além de espaços de leitura que também podem se configurar como bibliotecas.

As bibliotecas escolares são em grande número na sociedade atual. Segundo a Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010, “Art. 1º - As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei”. Ainda no Art. 2º é dito que “Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros,

materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura”.

Dessa forma, a inclusão de bibliotecas nas escolas brasileiras implica também a formação de pessoas preparadas para atuar na biblioteca como mediadoras, além de serem pessoas que organizam, catalogam os livros, orientam os visitantes como encontrar os títulos desejados. No entanto, nas escolas nem sempre a biblioteca é um espaço acessível. Muitas vezes são salas que não contam com uma pessoa que possa manter a organização e mediar o contato dos estudantes com as obras.

Em bibliotecas públicas (estaduais e municipais) geralmente a acessibilidade às obras não se constitui um problema. No entanto, o bibliotecário nem sempre planeja ações para diversificar a mediação de leitura. Ele, muitas vezes restringe sua atuação à organização do acervo e controle de empréstimo de livros.

Além desses tipos de bibliotecas, existem ainda as bibliotecas comunitárias, criadas e gerenciadas por pessoas da sociedade civil independente de políticas públicas governamentais. Essas bibliotecas têm características diferentes de outros tipos de biblioteca já citados aqui. Da implantação à organização do acervo, assim como no gerenciamento, há participação da comunidade. Nesses espaços, geralmente o foco recai não apenas no empréstimo das obras, mas, sobretudo, em ações para atrair os leitores, ações de mediação de leitura diversificadas. Sob a ótica de Guedes (2011, p.1)

As bibliotecas comunitárias são ambientes físicos criados e mantidos por iniciativa das comunidades civis, geralmente sem a intervenção do poder público. Estes centros comunitários possuem um acervo bibliográfico multidisciplinar, abarcando diversas tipologias documentais. Suas coleções, por vezes, possuem organização improvisada ou intuitiva, pois o objetivo principal desses espaços é ampliar o acesso da comunidade à informação .

A biblioteca comunitária contribui para a redução da desigualdade de acesso a bens culturais como o livro. Várias ações podem ser desenvolvidas, como eventos de leitura, contação de histórias, reforço escolar, ações culturais que fomentam a interação da comunidade com a gestão da biblioteca. Dessa forma, algumas bibliotecas comunitárias têm dado importante contribuição na comunidade onde ela está inserida, favorecendo a formação de novos leitores. No entanto, nem sempre esses espaços se mantêm, sobretudo por dificuldades financeiras para construção e manutenção de acervos de obras e de pessoas que possam manter o espaço.

METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Amaraji, na área rural. O município está situado na região da Mata Sul, em uma das áreas mais pobres de Pernambuco, cerca de 100 Km do Recife. Tem cerca de 20 mil habitantes; destes, sete mil moradores encontram-se na área rural.

A investigação foi desenvolvida por meio de um estudo de caso do Projeto Livros Andantes, com a finalidade de compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos próprios participantes do Projeto. Sobre isso, Godoy (1995, p. 21) pondera que:

Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes.

A produção do dados foi realizada por meio da observação de campo, entrevistas semiestruturadas e análise documental.

Foram realizadas, inicialmente, visitas de observação, para conhecimento do projeto, dos espaços onde se realizavam as atividades e dos atores envolvidos. Dos quatro povoados que

receberam o projeto, foi possível a observação mais sistemática em dois: Estivas e Estivinhas.

Também foram realizadas visitas às casas dos respondentes da pesquisa. Por meio das visitas, foi possível identificar que os moradores das comunidades investigadas tinham em comum uma certa organização do cotidiano. Levantavam de madrugada. Às 06 horas já estavam em atividade laboral no campo, às 11h almoçavam. De segunda à sexta trabalhavam na roça ou no canavial. Aos sábados, iam à feira e nos dias de domingo participavam de reuniões nas associações dos pequenos agricultores, do engenho, ou realizavam alguma atividade na sua própria roça e participavam de atividades da igreja, à noite.

Por meio das entrevistas foram produzidas narrativas pelos participantes sobre as ações que o projeto tinha realizado. Foram aplicadas entrevistas individuais semiestruturadas. Segundo Triviños (1987, p.146):

Podemos entender como entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Foram entrevistadas 17 pessoas, com o objetivo de obter informações a partir de diferentes relatos, advindos de pessoas que tivessem tido diferentes modos de atuação no Projeto. As pessoas entrevistadas são identificadas neste artigo por terem autorizado tal identificação após a leitura deste texto³.

³ As informações sobre os participantes da pesquisa foram recolhidas no momento de produção de dados, podendo ter havido alguma mudança após este momento.

A primeira entrevistada foi a idealizadora do projeto, Clara Angélica. Ela nasceu na cidade de Amaraji, residia na capital Recife - PE. Era Mestre em Gestão Pública pela UFPE, atuava como diretora de produção na TV Universitária – Universidade Federal de Pernambuco. Era a pessoa responsável pela coordenação geral do projeto Livros Andantes.

A segunda entrevistada foi a secretária de educação na época da implantação do projeto, Rosana Queiroz. Ela possuía graduação em Letras, era pós-graduada em Psicopedagogia e Coordenação Pedagógica. Atuava como coordenadora pedagógica e como professora de Língua Portuguesa em duas escolas de Amaraji.

Em seguida, foram entrevistados 04 mediadores de leitura do projeto. José Gonzaga Lopes, coordenador local e mediador de leitura, morava na cidade na época de realização da pesquisa, tinha 58 anos, com formação em Pedagogia, e era professor na área rural. Maria Helena Lopes, 49 anos, morava na cidade de Amaraji, era formada em Pedagogia, tinha formação em mediação de leitura, atuava em escolas da área rural. Manoel Antônio da Silva tinha 45 anos, morava no Engenho Refrigério, tinha formação em Psicopedagogia. Marta Maria Lima da Silva, 32 anos, residia na área rural no Sítio São José Duas Pedras. Tinha formação em Pedagogia, com pós-graduação em Psicopedagogia. Atuava na área rural⁴.

Entre as pessoas da comunidade atendidas pelo projeto, foram entrevistadas quatro. Sandra, 27 anos, que morava na cidade, tinha formação em Pedagogia. Como professora da Escola Municipal Vital Brasil, da comunidade Engenho Raiz de Dentro. Ela participou do Projeto junto com seus alunos e ficou responsável pelo acervo do Livros Andantes na escola. Joseni Cosme, 53 anos, estudou até a 7ª série do Ensino Fundamental, morava no Engenho Estivinhas, no Sítio Bondosa Terra. Trabalhava na lavoura e comercializava os produtos da terra na feira. Joseni cedeu espaço em seu sítio

duas vezes para atividades do projeto e ficou responsável pelo acervo na comunidade, junto com sua esposa Ângela, que logo tornou-se voluntária. Ela era formada em Pedagogia, era dona de casa e professora de reforço na comunidade. Era a pessoa que cuidava do acervo literário do projeto, numa pequenina biblioteca de sapê.

Foram entrevistados ainda duas meninas, Sabrina e Gabrielly, ambas de 9 anos, e três meninos, Jemerson, 13 anos, Gabriel e Alexsandro, 15 anos; todos estudantes. Também participaram da pesquisa mais três adultos. Maria de Lourdes, 58 anos, agricultora e dona de casa, que não era alfabetizada. Edivane, 32, que dizia saber ler um pouco, mas não entendia muito bem o que lia. Era agricultora e dona de casa. Por fim, Heleno, 41 anos, era agricultor, tinha estudado até a 4ª série do Ensino Fundamental e era o dono de um dos burrinhos que atuava no projeto como Biblioteca Jumento.

Os entrevistados responderam questões referentes à participação específica no projeto. As questões foram diferenciadas, de acordo com a atuação e envolvimento dos entrevistados.

Além das visitas com entrevistas, também foram analisados documentos relativos ao projeto e aos eventos de leitura, pois, como é defendido por Godoy, os documentos “podem ser considerados uma fonte natural de informações” (1995, p. 21). Foram analisados planejamentos, atas, relatórios escritos, imagens, vídeos, listas de empréstimos.

CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO LIVROS ANDANTES

Para saber como começou o projeto, entrevistamos a mentora do projeto, Clara Angélica. Ela relatou que sua preocupação quanto à escassez de políticas públicas de inserção cultural e educação voltadas para moradores do campo foi o que a motivou a pensar o projeto: “Esse público é absolutamente esquecido pelas políticas públicas. Então tive a oportunidade de apresentar um projeto que pensasse

a inclusão dessas pessoas; que despertasse o sentimento de pertencimento delas; que provocasse as melhores lembranças” (Clara Angélica, mentora e coordenadora do projeto).

O projeto Livros Andantes participava de edital público de cultura, o Funcultura (Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura), do governo do Estado de Pernambuco, desde o ano de 2009, quando foi aprovado pela primeira vez. O edital acontecia anualmente e o projeto era inscrito todos os anos nesse edital. Porém, às vezes era aprovado, às vezes, não.

“Quando é aprovado, a primeira ação que fazemos é procurar a Secretaria de Educação do Município, para construção do cronograma dos eventos, alinhado com o calendário escolar e indicação de dois povoados para receber o projeto. Em seguida procuramos a associação dos pequenos agricultores das comunidades indicadas, para explicar o projeto à população, combinar o melhor dia e horário para realização dos eventos e convidar todos para a participar”. (Clara Angélica, mentora e coordenadora do projeto).

Quanto às pessoas envolvidas, o projeto previa a contratação de uma equipe: coordenação geral; coordenação de produção; coordenação pedagógica; oficinairo formador de mediadores; quatro mediadores de leitura; produção local; donos dos animais; assistentes de produção.

Ao responderem o questionário sobre o planejamento dos eventos de letramento, os mediadores foram unânimes. Eles adotavam a mesma dinâmica e o mesmo processo: “Toda semana se escolhe um tema. Se a gente escolhe o tema meio ambiente, a gente separa aqueles livros de meio ambiente e o coloca como destaque da apresentação. As apresentações são sempre com dança, música, paródia, poesia... não deixando de levar os outros”, disse Marta Lima, mediadora.

Manoel Antônio, mediador da segunda edição do projeto, diz que a escolha desse tema pode também estar relacionada a alguma celebração: “Podemos escolher um tema

dependendo da época e a gente vê como vai ser essa mediação para que envolva toda a comunidade”. “Sempre marcamos um dia na semana para escolhermos um livro ou livros a serem trabalhados naquela semana”, diz Maria Helena Lopes, mediadora dos Livros Andantes nas duas edições do Projeto.

Nas falas dos mediadores, observa-se a importância do planejamento das ações de mediação, sem deixar de levar em consideração as especificidades da comunidade e a relevância dos temas a serem abordados nas mediações. Para Leal (2010),

O planejamento deve ser visto como uma atividade frequente, que antecede qualquer ato intencional. Procedimentos a serem executados durante um período letivo por meio de uma organização sequencial vivenciada por atores sociais que têm objetivos partilhados: a aprendizagem (LEAL, 2010, p.97).

Nos momentos das entrevistas era facilmente reconhecida a empolgação de toda a equipe de trabalho.

Quanto às dificuldades, a mentora do projeto falou do financiamento. Já os mediadores citaram o deslocamento, como pontua Marta: “A dificuldade também é o acesso, a locomoção, porque no sítio, as casas têm uma distância grande umas das outras.

MAPEAMENTO DAS ATIVIDADES DO PROJETO

No projeto eram realizadas diversas atividades. Inicialmente, havia a fase de planejamento, que envolvia toda a equipe, como informado no tópico anterior. Após o planejamento, havia a visita às comunidades. Os mediadores, junto com o dono do burrinho, ornamentavam o “jumento biblioteca” com tecidos coloridos por cima da cela, colocavam em torno de 200 livros nos caçuás customizados, acionavam o megafone e faziam um passeio pela estrada, chamando todos para participar. “A gente vai chegando e já vai atraindo o público, porque a gente já chega com o lúdico”, lembra Maria

Helena, mediadora. Os partícipes chegavam também a cavalo, de bicicleta ou moto.

Pessoas iam se juntando aos demais à medida que a caminhada avançava. Ao chegar no local combinado, havia a preparação do ambiente de leitura. Os mediadores revestiam o chão com uma lona azul, abriam esteiras como assentos, espalhavam os livros, penduravam cordéis nos galhos mais baixos das árvores e nos arames das cercas, pregavam cartazes com a história que seria interpretada.

Em seguida, todos sentavam. Após as boas-vindas, iniciavam-se as atividades. Jovens estudantes caracterizados de personagens da história faziam dramatização artística envolvendo os presentes. Após a apresentação da dramatização, um mediador explicava o que foi apresentado, falava do livro de onde foi retirada a história dramatizada, mostrava-o para os presentes, apontava o cartaz. Outro mediador lia a mesma história no cartaz.

Na sequência ocorria a leitura livre. As pessoas manuseavam os livros, abriam, olhavam. Pessoas se juntavam em duplas ou em pequenos grupos de três, quatro, para ler ou folhear os livros, ver as imagens. Os mediadores sentavam com os participantes. Uns liam para crianças, outros para adultos. “Funciona como uma espécie de intercâmbio. Quando um lê uma história, diz: olha, você leu essa? Aí o outro diz: Eu vou levar esse”, comenta Marta Lima.

Depois, os mediadores incentivavam o empréstimo, falavam do cuidado que se deveria dispensar ao livro; da importância da leitura; sugeriam livros aos participantes. Aquele que tivesse interesse em levar alguma obra para casa, precisava dar os dados para o mediador fazer anotação na ata de empréstimos e devoluções.

Na sequência, havia a devolução dos livros emprestados anteriormente. Neste momento, as pessoas que tinham levado o livro para casa na semana anterior, faziam a contação de histórias para os demais. Havia conversa sobre os livros lidos,

com participação ativa da população mais velha, guardiã da memória local.

Após a dinâmica e vivência das atividades, o material ficava sob a responsabilidade do morador que tinha acolhido o Livros Andantes naquela semana.

Na semana seguinte, a biblioteca-jumento, junto com os mediadores e os moradores daquele sítio, saíam em caminhada até o próximo local onde aconteceria o evento de leitura, e assim sucessivamente, até o fim desse ciclo do projeto, quando o acervo era entregue à comunidade.

Em todas as atividades vivenciadas havia participação das pessoas da comunidade, que eram incentivadas pelos mediadores a relatar o que leram, a contar e a relacionar com outros conhecimentos que tinham. Desse modo, os agentes de letramento, tal como é proposto por Kleiman (2005, p.52), focalizavam no que o grupo sabia em vez daquilo que não sabia. Para esta autora, assim como para o mestre Paulo Freire, isso é uma tarefa de ordem política.

ANÁLISE DOS IMPACTOS DO PROJETO

No percurso de investigação aqui proposto, descobrimos que os acervos das quatro comunidades contempladas pelo Livro Andantes estavam conservados. Em duas dessas comunidades, as obras estavam nas escolas rurais onde o Livros Andantes aconteceu. No engenho Raiz de Dentro, o acervo estava na Escola Municipal Vital Brasil. No Engenho Estivas, o acervo encontrava-se na Escola Maria da Conceição Barbosa Lins e Silva.

No engenho Prata Grande, o acervo inicialmente tinha ficado na Associação dos Pequenos Agricultores da comunidade, depois, em consequência das chuvas, o galpão precisou ser reformado. O acervo foi encaminhado para a escola da comunidade. Confirmou-se, neste caso, como sinalizado anteriormente, que uma das dificuldades para

a manutenção de bibliotecas comunitárias é a dificuldade financeira de manutenção.

Na comunidade de Estivinhas, os livros permaneceram na Biblioteca Bondosa Terra. Essa pequena biblioteca de sapê foi erguida na e pela comunidade. “A gente montou e todos levaram barro, as varas, compramos pregos. Nós trabalhamos juntos e em conjunto e fizemos a biblioteca”, diz Joseni.

Desse modo, o projeto contribuiu para a ampliação de acervo de três bibliotecas escolares e para a construção e implantação de uma biblioteca comunitária.

Nos documentos analisados, foi possível verificar que na comunidade de Estivinhas, dos 200 exemplares iniciais, o acervo contava com mais de mil livros. Como nos revelou Ângela, responsável pelo acervo local: “A biblioteca sempre recebe muitas obras literárias doadas por amigos e visitantes da biblioteca”. Desse modo, um dos impactos do projeto foi a ampliação de acervos de livros nas comunidades e, no caso de uma comunidade, a criação de uma biblioteca comunitária.

Outro impacto foi a ampliação de leitores na comunidade. Verificamos nas atas de empréstimos que 286 livros tinham sido emprestados no período de 03 meses de vivência do projeto. Nas atas do Engenho Raiz de Dentro somava-se um total de 155 livros emprestados. Em Estivinhas, houve 131 empréstimos. Em entrevista, Joseni, responsável pelo acervo, definiu o Livros Andantes como “um projeto maravilhoso para quem mora na área rural, e não tem conhecimento da leitura, porque levou a leitura para muita gente que não sabia nem o que era isso!”.

Um terceiro impacto foi quanto às práticas de leitura em sala de aula, havendo, portanto, impacto sobre o processo de escolarização. Na Escola Municipal Vital Brasil, a professora Sandra declarou que seus alunos se acostumaram a pegar livros emprestados e debater sobre eles na sala de aula. Hoje ela não trabalha mais nesta escola, mas confessa que “era do acervo dos Livros Andantes os livros que levava para debate em sala

de aula” Na comunidade de Estivinhas, a organização, os cuidados com o espaço, e os empréstimos eram realizados por Ângela, que dava aulas de reforço na biblioteca.

Um quarto impacto foi a dinamização dos espaços de leitura. Na comunidade de Estivinhas acontecia exibição de filmes uma vez por mês para os moradores. Nesse processo de interação comunitária, tanto a construção quanto a utilização da biblioteca remetem ao pensamento do educador Paulo Freire (1989)

(...) a biblioteca popular como centro cultural, e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma em relação correta de ler o texto em direção ao contexto (FREIRE, 1989, p. 33).

A biblioteca introduzida na área do campo, pelos camponeses, pode ser entendida como um ato político de transformação da sua realidade local como instrumento de exercício da cidadania e autonomia.

Os dados, portanto, evidenciam que o projeto deixou marcas nessas comunidades e possibilitou que as ações de leitura das obras pudessem continuar acontecendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal conclusão da pesquisa foi que o Projeto Livros Andantes desenvolveu estratégias de inserção social, cultural e educativa de grupos sociais do campo, tradicionalmente colocados à margem de variadas práticas de letramento da sociedade, a exemplo de práticas em que circulam os textos literários.

O projeto possibilitou ampliação do acesso a livros, construção de uma biblioteca comunitária, dinamização de bibliotecas escolares e, o mais importante, favoreceu o desenvolvimento de comunidades de leitores.

As bibliotecas escolares e comunitárias podem ser consideradas espaços públicos de combate às desigualdades de acesso à informação. Projetos e espaços de incentivo à leitura podem ser instrumento para formação de um público leitor, despertar o desejo de jovens voltarem a estudar; podem ser instrumentos de registro da história oral. Entendemos que são ferramentas de estímulo à mudança de consciência e atitude das pessoas em relação aos livros e à leitura de mundo.

Financiamento de projetos como o Livro Andantes, investimento nas bibliotecas municipais, escolares e comunitárias são formas de desenvolver políticas públicas de formação de leitores.

Atualmente a biblioteca de sapê da comunidade de Estivinhas foi reformada, devido os estragos causados no inverno. Recebeu mais doações de livros que continuam encantando os participantes. No entanto, devido à falta de uma política de financiamento contínuo para o projeto, ele passou por algumas modificações para continuar atendendo à população rural. As ações do projeto acontecem na comunidade de estivinhas. O evento de leitura é realizado mensalmente, aos domingos, com leituras e exibição de vídeos de curta metragem, produzidos na comunidade. A biblioteca também oferece atendimento para minimizar dificuldades das crianças em atividades escolares e vivência de leitura para crianças em fase de alfabetização.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRITO, L.P.L. **As razões do direito à literatura.** Disponível em http://www.brasilliterario.org.br/noticias/mostra_2010.php?id=177; publicado em **24/12/2012**

CORACINI, M. J. (org.) **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira.** 2. ed. Campinas (SP): Pontes, 2002. Disponível em http://www.brasilliterario.org.br/noticias/mostra_2010.php?id=177; publicado em **24/12/2012.**

FONSECA, E.N.. Introdução à biblioteconomia. São Paulo: Pioneira, 1992.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

GODOY, A.S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas. Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/20595>>

GUEDES, R. M. **Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação.** In: MOURA, M. A. (Org.). Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas. 1ed.Belo Horizonte: Proex/UFMG, 2011, v., p. 75-79.

GUEDES, R. M. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola, 2006.

KLEIMAN, Â. **Preciso ensinar letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005. (Coleção Linguagem e Letramento em foco).

LAJOLO, M.. **Literatura: leitores e leitura.** São Paulo: Moderna, 2001.

LEAL, T.F. **Estabelecendo metas e organizando o trabalho: o planejamento no cotidiano docente** In: LEAL, Telma F.; MORAIS, Artur G.; ALBUQUERQUE, Eliana B. C. Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v.1, p. 93-112

PIMENTEL, G. **Biblioteca escolar.** / Graça Pimentel, Liliane Bernardes, Marcelo Santana. – Brasília: Universidade de Brasília, 2007.117.

PINTO, V.C. **Políticas públicas para a cultura do campo no Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.100.2016.tde-11042016-102427. Acesso em: 2018-07-16

PRADO, J.; CONDINI, P. (Org. **Para formar leitores na escola**-). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999. <http://portal.mec.gov.br/docman/fevereiro-2016-pdf/33661-06-disciplinas-ft-md-caderno-12-biblioteca-escolar-pdf/file>.

RUSSO, Marina, **O resgate dos bibliotecários**. <https://revistaensinosuperior.com.br/o-resgate-dos-bibliotecarios/> 10/09/2011.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STREET, B.V. **Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil**. 2013.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987, p.116 a 157.

